

## A REPRESENTATIVIDADE DA CULTURA NEGRA A PARTIR DO FILME “VISTA MINHA PELE”

Letícia Soares Teixeira, FEESU/FUPAC, [leticiaegesley@hotmail.com](mailto:leticiaegesley@hotmail.com)  
Lígia Maria Gabriel Pires, FEESU/FUPAC, [ligia.hiphop@hotmail.com](mailto:ligia.hiphop@hotmail.com)  
Bill Robson Monteiro Lisboa, FEESU/FUPAC, [billrobsonmg@hotmail.com](mailto:billrobsonmg@hotmail.com)

### Resumo Expandido

Este trabalho tem como finalidade, compartilhar uma experiência realizada em sala de aula, que aconteceu no 6º período “A” do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia na Unidade Curricular de Educação para o Ensino de História e Cultura Indígena, Africana e Afro-Brasileira, no primeiro semestre do ano de 2019. O professor Bill Robson Monteiro Lisboa nos instruiu a assistir o filme “Vista minha Pele” como o intuito, de que observássemos às mais variadas situações causadas pela prática do racismo, abordadas também na temática “Relações Étnico-Raciais” e discutidas em nossas aulas. Trata-se de um material riquíssimo, para abordagem do tema racismo na sala de aula, que tem com um dos principais objetivos contextualizar e problematizar as diversas situações que negros/as enfrentam diariamente nos mais diversos espaços sociais.

O filme é uma produção da Diretora Neusa Santos produzido do ano de 2003 com duração de 26m45s, seu elenco foi composto por Bruna Bornéo (Maria); Thuanny Costa (Luana); Samira Carvalho (Suely); Maria Ceíça (prof. Janine); BukassaKabenguele (prof. de Matemática); Ailton Graça (pai de Luana); Abayomi Oliveira (Zulu); Anete Oliveira (mãe de Maria) Gabriel Mota (José); Ana Paula Mendonça (Claudinha); Márcio Julião (pai de Maria). Patrocinado pelo CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, tendo na coordenação geral Hédio Silva Jr. Enquanto a direção foi integradapor Joel Zito Araújo e no roteiro Joel Zito Araújo & Dandara.

Inicialmente, nossa reação ao assistir o documentário foi de espanto, *estranhamento*, um choque! Consideramos muito interessante identificar essa inversão do preconceito e a representação de “troca de lugares”, que apresentaremos no decorrer do texto. Durante a aula, foi reservado um momento para que todas as alunas dividissem suas percepções sobre o filme, em que presenciamos diversas reações como indignação, horror, posteriormente tristeza, compaixão, abalo.

No decorrer da discussão, algumas alunas que já sofreram “*na pele*” com o racismo, narraram algumas situações vivenciadas por elas, o que trouxe para todas, um sentimento de impotência diante de tamanha violência e falta de humanidade, mas também um desejo de desconstruir os estereótipos raciais que estão enraizados na sociedade, o que vem gerando dor e sofrimento para pessoas negras. “Vista minha Pele” é uma produção midiática que consiste em problematizar o modo que a cultura negra tem sido retratada pelos mais diferentes veículos de informação, inclusive a escola, porém em situações inversas. Toda trama se dá em uma escola de classe alta, em que os papéis foram invertidos, o padrão de beleza era pele negra, cabelos crespos e uma elite representada por negros/as.

O ideal (de branqueamento) inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente brasileiro, rodando sempre na cabeça dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca baseada na “negritude”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior. (MUNANGA, 2004, p. 16).

Maria, uma menina **branca**, cabelos escorridos de classe média baixa, bolsista, sonhava em ser miss Festa Junina da escola a qual estudava, para tanto precisaria se adequar aos padrões, ou seja, ter cabelos crespos com ou sem tranças, pele negra e pertencer à alta sociedade, mas não possuía as características necessárias para alcançar este posto. Na escola já havia uma candidata preferida, Sueli, uma menina **negra**, alta, magra, cabelos crespos, de classe média alta, disposta a manter seu lugar de destaque, o que para Maria trouxe bastante sofrimento, *bullying*, agressões verbais, foi excluída e deixada de lado. Consequentemente, Maria sofreu com a baixa autoestima, mas os/as professores/as não se manifestaram a esse respeito, uma prática comum não só aos/as discentes, mas a maioria da sociedade, a política do silenciamento, que consiste em não se posicionar frente às inúmeras situações de preconceito e racismo que circulam no espaço da escola e da sala de aula.

Outro aspecto que merece destaque é com relação ao “mito” da meritocracia racial, durante o vídeo, houve diversas falas e discursos, ressaltando que há “igualdade de oportunidades sociais para negros/as e brancos/as”, reproduzem dizendo que falta é “esforço” e dedicação, em outro momento, um determinado professor justifica a dificuldade de aprendizagem de Maria como falta de empenho e participação da família.

Ao ouvir atenciosamente o que o professor Bill e as alunas nos relatavam, conseguimos observar tamanha importância das reflexões propostas na Unidade Curricular de Educação para o Ensino de História e Cultura Indígena, Africana e Afro-Brasileira, e em discutir essa temática no curso de Pedagogia, um curso de formação de professores/as, pois nos proporcionou ter sobre essas questões, um olhar mais humano, sensível, que nos permitirá trabalhar com as futuras gerações a importância de combater essa prática, que ao contrário do que muitos/as dizem e pensam, o racismo não foi superado pela sociedade, é real e cruel.

Por meio do filme “Vista minha Pele”, ficou evidente a necessidade e urgência em abordar o preconceito racial no espaço escolar, iniciando desde a Educação Infantil, destacando a importância de desconstruir essa percepção estereotipada, que marginaliza, rotula e desvaloriza a história e a cultura dos/as negros/as no Brasil. Na prática, não é possível nos colocarmos “no lugar do outro”, trata-se de uma metáfora, “vestir a pele”, “sentir na pele”, mas é possível, necessário e urgente nos sensibilizarmos com a dor “desse outro” estamos falando de pessoas, de vidas, de seres humanos.

Portanto, torna-se emergente que a escola possibilite espaços de reflexões e debates com o propósito de desmistificar esse olhar tão distorcido e equivocado com relação às pessoas negras no nosso país. Devemos romper com a política do silêncio e, combater quaisquer mecanismos de preconceito e violação dos direitos humanos que as pessoas negras sofrem diariamente.

Nesse sentido é urgente que professores/as e demais profissionais da educação escolar construam práticas, pedagógicas e estratégias didático/metodológicas, de promoção da igualdade racial no cotidiano da escola e da sala de aula.

**Palavras-chave:** Produção Midiática; Estereótipos Raciais; Cultura Negra.

#### **Referência:**

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade Nacional versus Identidade Negra. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.